

INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS CLÍNICAS: FUNDAMENTOS, PRÁTICAS E REFLEXÕES**CLINICAL PSYCHOPEDAGOGICAL INTERVENTIONS: FOUNDATIONS, PRACTICES, AND REFLECTIONS****INTERVENCIONES PSICOPEDAGÓGICAS CLÍNICAS: FUNDAMENTOS, PRÁCTICAS Y REFLEXIONES**

Rodger Roberto Alves de Sousa. 1¹ DOI: 10.5281/zenodo.18098803

RESUMO

Este artigo aborda as intervenções psicopedagógicas clínicas, destacando seus fundamentos teóricos, práticas interventivas e reflexões contemporâneas acerca das dificuldades de aprendizagem. A Psicopedagogia Clínica é apresentada como um campo de atuação que compreende o sujeito aprendiz em sua totalidade, considerando aspectos cognitivos, afetivos, pedagógicos e sociais. O estudo evidencia a importância da avaliação psicopedagógica como base para intervenções individualizadas, bem como o uso de recursos lúdicos e terapêuticos no processo clínico. Destaca-se ainda a relevância da atuação interdisciplinar, da ética profissional e do reconhecimento dos limites da prática psicopedagógica, elementos essenciais para a efetividade das intervenções. As reflexões finais apontam para os desafios contemporâneos enfrentados pela área, como a complexidade das demandas educacionais e a necessidade de práticas fundamentadas e humanizadas. Conclui-se que as intervenções psicopedagógicas clínicas contribuem significativamente para a promoção de aprendizagens significativas, para a inclusão educacional e para o fortalecimento da autonomia do aprendiz, apresentando perspectivas promissoras diante das transformações do cenário educacional atual.

PALAVRAS-CHAVE: Psicopedagogia Clínica. Intervenção Psicopedagógica. Dificuldades de Aprendizagem. Avaliação Psicopedagógica.

ABSTRACT

This article addresses clinical psychopedagogical interventions, highlighting their theoretical foundations, intervention practices, and contemporary reflections on learning difficulties. Clinical Psychopedagogy is presented as a field of practice that understands the learner as a whole, considering cognitive, affective, pedagogical, and social aspects. The study emphasizes the importance of psychopedagogical assessment as the basis for individualized interventions, as well as the use of playful and therapeutic resources in the clinical process. The relevance of interdisciplinary practice, professional ethics, and the recognition of professional limits is also highlighted as essential elements for effective interventions. The final reflections point to contemporary challenges faced by the field, such as the complexity of educational demands and the need for grounded and humanized practices. It is concluded that clinical psychopedagogical interventions significantly contribute to meaningful learning, educational inclusion, and the strengthening of learner autonomy.

KEYWORDS: Clinical Psychopedagogy. Psychopedagogical Intervention. Learning Difficulties. Psychopedagogical Assessment.

1 rodger.r.a.sousa@gmail.com 1.Orcid 0000-0002-7063-1268

RESUMEN

Este artículo aborda las intervenciones psicopedagógicas clínicas, destacando sus fundamentos teóricos, prácticas de intervención y reflexiones contemporáneas sobre las dificultades de aprendizaje. La Psicopedagogía Clínica se presenta como un campo de actuación que comprende al sujeto aprendiz en su totalidad, considerando aspectos cognitivos, afectivos, pedagógicos y sociales. El estudio resalta la importancia de la evaluación psicopedagógica como base para intervenciones individualizadas, así como el uso de recursos lúdicos y terapéuticos en el proceso clínico. También se destaca la relevancia de la actuación interdisciplinaria, la ética profesional y el reconocimiento de los límites de la práctica psicopedagógica como elementos esenciales para la efectividad de las intervenciones. Las reflexiones finales señalan los desafíos contemporáneos del área, como la complejidad de las demandas educativas y la necesidad de prácticas fundamentadas y humanizadas. Se concluye que las intervenciones psicopedagógicas clínicas contribuyen significativamente al aprendizaje significativo, a la inclusión educativa y al fortalecimiento de la autonomía del aprendiz.

PALABRAS-CLAVE: Psicopedagogía Clínica. Intervención Psicopedagógica. Dificultades de Aprendizaje. Evaluación Psicopedagógica.

INTRODUÇÃO

As intervenções psicopedagógicas clínicas constituem um campo de atuação voltado à compreensão, prevenção e superação das dificuldades de aprendizagem, considerando o sujeito em sua totalidade cognitiva, emocional, social e cultural. Inserida na interface entre a Pedagogia e outras áreas do conhecimento, a Psicopedagogia Clínica emerge como resposta às demandas educacionais que extrapolam o espaço escolar, exigindo um olhar aprofundado sobre os processos de aprender e de não aprender. Nesse contexto, a intervenção clínica não se limita à correção de déficits, mas busca compreender as singularidades do aprendiz, suas histórias, vínculos e modos de relação com o conhecimento.

Autores da área da Pedagogia e da Psicopedagogia destacam que o fracasso escolar não pode ser explicado de forma simplista ou individualizante, sendo necessário analisá-lo a partir de múltiplas dimensões. Bossa (2015) ressalta que a intervenção psicopedagógica clínica deve ser pautada em uma escuta qualificada, capaz de identificar como o sujeito constrói o conhecimento e quais obstáculos interferem nesse processo. De modo semelhante, Weiss (2012) enfatiza que a atuação clínica pressupõe uma análise cuidadosa das funções cognitivas, dos aspectos afetivos e das influências do contexto familiar e escolar.

A prática interventiva psicopedagógica fundamenta-se em avaliações diagnósticas contínuas, que orientam a escolha de estratégias e recursos adequados às necessidades do aprendiz. Segundo Fernández (2001), aprender é um ato que envolve desejo, autoria e significado, elementos que precisam ser considerados em qualquer proposta de intervenção clínica. Assim, o trabalho psicopedagógico busca ressignificar a relação do sujeito com o saber, promovendo autonomia, confiança e reconstrução do prazer em aprender.

Na contemporaneidade, as intervenções psicopedagógicas clínicas assumem papel

relevante diante do aumento das queixas escolares, dos transtornos de aprendizagem e das demandas por inclusão. Conforme destaca Rubinstein (2018), o psicopedagogo clínico atua como mediador do processo de aprendizagem, articulando conhecimentos pedagógicos, psicológicos e neurocientíficos, sem perder de vista a ética profissional e o respeito à singularidade humana.

DESENVOLVIMENTO

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

Os fundamentos teóricos da Psicopedagogia Clínica sustentam-se na compreensão do processo de aprendizagem como um fenômeno complexo, dinâmico e multidimensional, que envolve aspectos cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos. Essa área do conhecimento consolida-se a partir do diálogo entre a Pedagogia e outros campos científicos, mantendo como eixo central a análise de como o sujeito aprende, quais obstáculos interferem nesse percurso e de que forma é possível intervir de maneira ética e eficaz. A Psicopedagogia Clínica, portanto, fundamenta-se em teorias que reconhecem o aprendiz como protagonista do próprio processo de construção do conhecimento, respeitando suas singularidades e contextos de desenvolvimento.

Do ponto de vista pedagógico, os estudos de Jean Piaget, pedagogo de formação, oferecem importantes contribuições ao compreender o desenvolvimento cognitivo como resultado da interação ativa do sujeito com o meio. Piaget (1976) destaca que a aprendizagem ocorre por meio de processos de assimilação e acomodação, os quais permitem a reorganização das estruturas mentais. Essa perspectiva influencia diretamente a prática psicopedagógica clínica, ao orientar a análise das etapas do desenvolvimento e das possíveis defasagens que impactam o aprender. Complementarmente, os pressupostos de Lev Vygotsky, embora de formação interdisciplinar, são amplamente incorporados à Pedagogia ao enfatizar a mediação social e cultural como elemento essencial para a aprendizagem, sobretudo no que se refere à zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY, 2007).

No campo específico da Psicopedagogia, autores com formação em Pedagogia contribuíram de forma significativa para a consolidação teórica da área. Bossa (2015) afirma que os fundamentos da Psicopedagogia Clínica estão ancorados na compreensão do sujeito aprendente em sua totalidade, considerando a história escolar, familiar e emocional como elementos indissociáveis do diagnóstico e da intervenção. Nessa mesma direção, Weiss (2012) ressalta que a base teórica psicopedagógica exige uma leitura integrada das funções cognitivas, da afetividade e das práticas pedagógicas, evitando interpretações fragmentadas das dificuldades de aprendizagem.

A abordagem psicopedagógica clínica também se apoia nas contribuições de Alicia Fernández, pedagoga argentina, que compreende a aprendizagem como um ato carregado de significado, desejo e autoria. Para Fernández (2001), o não aprender não se limita a uma dificuldade cognitiva, mas pode estar relacionado a entraves simbólicos que impedem o sujeito de se autorizar a aprender. Essa concepção amplia o olhar clínico, permitindo intervenções que favoreçam a reconstrução do vínculo do aprendiz com o conhecimento. Rubinstein (2018) complementa essa visão ao afirmar que os fundamentos teóricos da Psicopedagogia Clínica devem sustentar práticas reflexivas, capazes de articular teoria e intervenção de forma coerente e contextualizada.

Na contemporaneidade, os fundamentos teóricos da Psicopedagogia Clínica incorporam,

ainda, contribuições da Neurociência Educacional, sem perder sua base pedagógica. Autores como Fonseca (2014) defendem que o conhecimento sobre o funcionamento cerebral amplia a compreensão dos processos de aprendizagem, desde que utilizado de forma crítica e integrada aos pressupostos educacionais.

AVALIAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NO CONTEXTO CLÍNICO

A avaliação psicopedagógica no contexto clínico configura-se como um processo investigativo sistemático e contínuo, cujo objetivo central é compreender como o sujeito aprende, quais fatores interferem nesse percurso e de que maneira tais elementos se articulam com sua história escolar, familiar e emocional. Diferentemente de uma avaliação meramente classificatória, a avaliação psicopedagógica clínica assume caráter diagnóstico-interpretativo, orientando a tomada de decisões interventivas coerentes, éticas e individualizadas. Nesse sentido, trata-se de um instrumento fundamental para a compreensão das dificuldades de aprendizagem, considerando o sujeito em sua integralidade.

Autores da área da Pedagogia e da Psicopedagogia destacam que a avaliação clínica deve ultrapassar a identificação de sintomas aparentes, buscando analisar os processos subjacentes ao não aprender. Bossa (2015) enfatiza que avaliar, no campo psicopedagógico, significa investigar a modalidade de aprendizagem do sujeito, isto é, a forma como ele se relaciona com o conhecimento, com o erro e com as situações de desafio cognitivo. Essa perspectiva amplia o olhar clínico, permitindo compreender não apenas o que o sujeito não aprende, mas como ele aprende e quais estratégias utiliza.

No contexto clínico, a avaliação psicopedagógica envolve o uso articulado de instrumentos formais e informais, como entrevistas, anamnese, observações, provas operatórias, jogos, atividades lúdicas e análise da produção escolar. Weiss (2012) destaca que esses procedimentos devem ser aplicados de forma flexível e contextualizada, respeitando a singularidade do aprendiz e evitando padronizações rígidas que desconsiderem sua história de vida. A autora ressalta ainda que a interpretação dos dados exige fundamentação teórica consistente, garantindo maior precisão diagnóstica.

A contribuição de Alicia Fernández, pedagoga de formação, é central para a compreensão da avaliação psicopedagógica clínica como um processo que envolve aspectos cognitivos e afetivos. Para Fernández (2001), aprender é um ato simbólico, permeado por desejos, vínculos e significados, o que implica considerar, na avaliação, as possíveis barreiras emocionais que interferem na relação do sujeito com o saber. Essa abordagem possibilita identificar entraves que não se manifestam apenas no desempenho escolar, mas na postura do aprendiz diante do conhecimento.

Rubinstein (2018) acrescenta que a avaliação psicopedagógica clínica deve ser compreendida como um processo dinâmico, que se constrói ao longo do atendimento e se redefine conforme novas informações emergem. Tal concepção reforça a ideia de que o diagnóstico não é um fim em si mesmo, mas um ponto de partida para intervenções fundamentadas e eficazes. Além disso, a autora ressalta a importância da devolutiva à família e à escola, fortalecendo a articulação entre os diferentes contextos que influenciam a aprendizagem.

PRÁTICAS INTERVENTIVAS FRENTE ÀS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

As práticas interventivas frente às dificuldades de aprendizagem constituem o eixo central da atuação psicopedagógica clínica, pois visam promover a superação dos obstáculos que comprometem o desenvolvimento acadêmico e o vínculo do sujeito com o conhecimento. Tais práticas fundamentam-se em uma compreensão ampla do processo de aprendizagem, considerando que as dificuldades não se manifestam de forma isolada, mas resultam da interação entre fatores cognitivos, afetivos, pedagógicos e contextuais. Dessa forma, a intervenção psicopedagógica clínica busca ir além do reforço de conteúdos escolares, priorizando a ressignificação do aprender e a construção de estratégias que favoreçam a autonomia do aprendiz.

Autores da Psicopedagogia, com formação em Pedagogia, defendem que as intervenções devem ser planejadas a partir dos dados obtidos na avaliação psicopedagógica, respeitando as singularidades do sujeito e seu ritmo de desenvolvimento. Bossa (2015) destaca que a prática interventiva precisa estar alinhada à modalidade de aprendizagem do indivíduo, de modo que as estratégias propostas dialoguem com suas potencialidades e necessidades. Essa perspectiva evita abordagens padronizadas e reforça o caráter individualizado da atuação clínica.

No contexto das dificuldades de aprendizagem, as práticas interventivas envolvem o uso de atividades estruturadas e lúdicas, capazes de estimular funções cognitivas como atenção, memória, percepção, linguagem e raciocínio lógico. Weiss (2012) ressalta que o uso de jogos, materiais concretos e situações-problema possibilita ao aprendiz experimentar novas formas de relação com o conhecimento, reduzindo a ansiedade diante do erro e favorecendo a construção de significados. Essas práticas contribuem para o fortalecimento da autoconfiança e para a ampliação das estratégias cognitivas utilizadas pelo sujeito.

A contribuição de Alicia Fernández (2001) amplia a compreensão das práticas interventivas ao enfatizar que aprender é um ato que envolve desejo, autoria e vínculo. Para a autora, a intervenção psicopedagógica clínica deve possibilitar ao sujeito se autorizar a aprender, rompendo com bloqueios simbólicos que dificultam o acesso ao conhecimento. Nesse sentido, as práticas interventivas assumem um caráter mediador, no qual o psicopedagogo cria condições para que o aprendiz reconstrua sua relação com o saber de forma positiva e significativa.

Rubinstein (2018) destaca que as práticas interventivas frente às dificuldades de aprendizagem exigem constante reflexão teórica e ética, bem como diálogo com a família e a escola. A articulação entre os diferentes contextos educativos potencializa os resultados da intervenção, garantindo maior coerência nas ações e continuidade no processo de aprendizagem.

RECURSOS LÚDICOS E TERAPÊUTICOS NO PROCESSO INTERVENTIVO

Os recursos lúdicos e terapêuticos ocupam lugar central no processo interventivo psicopedagógico clínico, pois favorecem a mediação do conhecimento de forma significativa, prazerosa e contextualizada. A utilização desses recursos possibilita ao aprendiz experimentar situações de aprendizagem menos ameaçadoras, nas quais o erro é compreendido como parte do

processo e não como fator de fracasso. No contexto clínico, o lúdico assume função terapêutica ao promover a expressão simbólica, a organização do pensamento e o fortalecimento dos vínculos com o aprender.

Autores da Psicopedagogia, com formação em Pedagogia, ressaltam que o uso do lúdico não se restringe ao entretenimento, mas constitui um recurso metodológico intencional, fundamentado teoricamente e alinhado aos objetivos da intervenção. Bossa (2015) afirma que os recursos lúdicos permitem ao psicopedagogo observar a modalidade de aprendizagem do sujeito, suas estratégias cognitivas, suas dificuldades e suas potencialidades, oferecendo subsídios importantes para o planejamento interventivo. Dessa forma, jogos, brincadeiras dirigidas, materiais concretos e atividades simbólicas tornam-se instrumentos de investigação e intervenção simultaneamente.

No processo terapêutico, os recursos lúdicos favorecem o desenvolvimento de funções cognitivas essenciais, como atenção, memória, percepção, linguagem e raciocínio lógico. Weiss (2012) destaca que a escolha dos materiais deve considerar a faixa etária, o nível de desenvolvimento e a história escolar do aprendiz, garantindo coerência entre o recurso utilizado e os objetivos propostos. A autora ressalta ainda que a mediação do psicopedagogo é determinante para transformar a atividade lúdica em experiência de aprendizagem significativa.

A contribuição de Alicia Fernández, pedagoga argentina, amplia a compreensão do caráter terapêutico do lúdico ao enfatizar que aprender envolve desejo, autoria e simbolização. Para Fernández (2001), o brincar possibilita ao sujeito expressar conflitos, elaborar dificuldades e reconstruir sua relação com o saber, especialmente quando existem bloqueios afetivos que interferem no aprender. Nesse sentido, os recursos terapêuticos utilizados na Psicopedagogia Clínica favorecem a ressignificação das experiências escolares negativas, promovendo maior segurança emocional e engajamento cognitivo.

Rubinstein (2018) destaca que os recursos lúdicos e terapêuticos devem ser utilizados de forma planejada, ética e reflexiva, evitando práticas improvisadas ou descontextualizadas. A autora enfatiza que o psicopedagogo clínico precisa articular teoria e prática, garantindo que cada recurso empregado contribua efetivamente para o desenvolvimento do sujeito.

ATUAÇÃO INTERDISCIPLINAR DO PSICOPEDAGOGO CLÍNICO

A atuação interdisciplinar do psicopedagogo clínico constitui um dos pilares fundamentais para a compreensão e intervenção eficaz diante das dificuldades de aprendizagem. No contexto clínico, o processo de aprender é entendido como um fenômeno complexo, que não pode ser explicado ou tratado a partir de uma única área do conhecimento. Assim, a Psicopedagogia Clínica fundamenta-se na articulação entre saberes pedagógicos, psicológicos, neurológicos e sociais, mantendo como eixo central a aprendizagem e o desenvolvimento integral do sujeito.

Autores da Psicopedagogia, com formação em Pedagogia, ressaltam que o trabalho interdisciplinar não implica a sobreposição de funções, mas a construção de diálogos colaborativos entre profissionais de diferentes áreas. Bossa (2015) destaca que o psicopedagogo clínico atua como mediador entre os diversos campos do saber, integrando informações provenientes da família, da escola e de outros profissionais da saúde e da educação. Essa articulação favorece uma

compreensão mais ampla das dificuldades de aprendizagem, evitando diagnósticos reducionistas ou fragmentados.

No âmbito clínico, a atuação interdisciplinar possibilita a construção de estratégias interventivas mais consistentes e eficazes. Weiss (2012) enfatiza que o psicopedagogo, ao dialogar com profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e professores, amplia seu repertório de análise e intervenção, sem perder sua identidade pedagógica. Essa integração contribui para o planejamento de ações coerentes, alinhadas às necessidades reais do sujeito e aos contextos nos quais ele está inserido.

A contribuição de Alicia Fernández (2001) reforça a importância da interdisciplinaridade ao compreender a aprendizagem como um ato simbólico, permeado por aspectos afetivos, cognitivos e sociais. Para a autora, a intervenção psicopedagógica clínica deve considerar os vínculos estabelecidos pelo sujeito com o conhecimento, o que exige uma leitura integrada dos diferentes fatores que interferem no aprender. Nesse sentido, a atuação interdisciplinar favorece a identificação de entraves que não se manifestam exclusivamente no desempenho escolar, mas nas relações estabelecidas com o saber.

Rubinstein (2018) destaca que a prática interdisciplinar exige postura ética, diálogo permanente e respeito aos limites de atuação de cada profissional. O psicopedagogo clínico, ao atuar de forma integrada, contribui para a construção de intervenções mais humanizadas, contextualizadas e eficazes.

ÉTICA PROFISSIONAL E LIMITES DA PRÁTICA PSICOPEDAGÓGICA

A ética profissional constitui um princípio estruturante da prática psicopedagógica, especialmente no contexto clínico, no qual o psicopedagogo lida diretamente com histórias de fracasso escolar, sofrimento emocional e expectativas familiares. A atuação ética pressupõe responsabilidade, compromisso científico e respeito à dignidade do sujeito aprendente, garantindo que as intervenções sejam fundamentadas teoricamente, conduzidas com sensibilidade e orientadas para a promoção do desenvolvimento integral. Nesse sentido, a ética não se limita ao cumprimento de normas, mas orienta a postura profissional diante das complexidades envolvidas no processo de aprendizagem.

Autores da Psicopedagogia, com formação em Pedagogia, destacam que a prática ética exige clareza quanto aos objetivos da intervenção e aos limites da atuação psicopedagógica. Bossa (2015) ressalta que o psicopedagogo clínico deve atuar dentro de sua área de competência, evitando diagnósticos médicos ou psicológicos que extrapolem sua formação. Essa delimitação de funções preserva a identidade profissional da Psicopedagogia e assegura a qualidade do atendimento, além de favorecer o trabalho interdisciplinar baseado no respeito mútuo entre os profissionais.

A ética profissional também se manifesta na condução do processo avaliativo e interventivo, especialmente no que se refere à confidencialidade das informações e à devolutiva dos resultados. Weiss (2012) enfatiza que o psicopedagogo deve comunicar os achados de forma clara, responsável e acessível, respeitando o tempo do sujeito e da família, sem rotulações ou julgamentos que possam reforçar estigmas. Tal postura contribui para a construção de vínculos de confiança,

fundamentais para a efetividade da intervenção clínica.

A contribuição de Alicia Fernández (2001) amplia a reflexão ética ao compreender a aprendizagem como um ato carregado de sentido, desejo e autoria. Para a autora, a prática psicopedagógica ética deve possibilitar ao sujeito se reconhecer como autor do próprio aprender, evitando intervenções impositivas ou descontextualizadas. Essa perspectiva reforça a importância de respeitar a singularidade do aprendiz, suas experiências e seus limites, promovendo intervenções que favoreçam a autonomia e o protagonismo.

Rubinstein (2018) destaca que os limites da prática psicopedagógica estão diretamente relacionados à necessidade de constante formação teórica, reflexão crítica e supervisão profissional. A autora ressalta que a ética se constrói no cotidiano da prática, por meio de decisões conscientes e fundamentadas, que consideram tanto os aspectos técnicos quanto humanos da intervenção.

DESAFIOS E REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE AS INTERVENÇÕES CLÍNICAS

As intervenções psicopedagógicas clínicas, no cenário contemporâneo, enfrentam desafios complexos decorrentes das transformações sociais, educacionais e culturais que impactam diretamente os processos de aprendizagem. O aumento das demandas por diagnósticos, a diversidade de queixas escolares e a ampliação do acesso à informação exigem do psicopedagogo clínico uma postura crítica, reflexiva e eticamente fundamentada. Nesse contexto, a prática clínica não pode ser reduzida a respostas imediatistas, sendo necessário compreender a aprendizagem como um fenômeno multifacetado, influenciado por fatores individuais e contextuais.

Autores da Psicopedagogia, com formação em Pedagogia, destacam que um dos principais desafios contemporâneos refere-se à tendência de medicalização das dificuldades de aprendizagem. Bossa (2015) alerta para o risco de interpretações simplificadas, que desconsideram aspectos pedagógicos, afetivos e sociais do não aprender. A autora defende que as intervenções clínicas devem priorizar a compreensão do sujeito em sua totalidade, evitando rótulos que possam comprometer sua trajetória escolar e emocional.

Outro desafio relevante diz respeito à articulação entre teoria e prática no contexto clínico. Weiss (2012) ressalta que a intervenção psicopedagógica exige constante atualização teórica e reflexão crítica, de modo que as práticas não se tornem mecânicas ou descontextualizadas. A complexidade das demandas atuais requer do psicopedagogo a capacidade de adaptar estratégias interventivas, respeitando as singularidades do aprendiz e as especificidades de cada contexto.

Alicia Fernández (2001) contribui para as reflexões contemporâneas ao enfatizar que aprender envolve desejo, autoria e vínculo. Para a autora, as intervenções clínicas precisam considerar os sentidos atribuídos pelo sujeito à aprendizagem, especialmente em situações marcadas por experiências de fracasso escolar. Essa perspectiva reforça a necessidade de práticas interventivas que promovam a reconstrução do vínculo com o conhecimento, favorecendo a autonomia e o protagonismo do aprendiz.

Rubinstein (2018) destaca ainda que os desafios contemporâneos das intervenções clínicas incluem a necessidade de atuação interdisciplinar, diálogo com a família e a escola, além do uso crítico de novas tecnologias. A autora enfatiza que tais elementos ampliam as possibilidades de

intervenção, desde que utilizados de forma ética e fundamentada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intervenções psicopedagógicas clínicas configuram-se como práticas fundamentais para a compreensão e superação das dificuldades de aprendizagem, ao reconhecerem o sujeito em sua totalidade cognitiva, emocional e social. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que a Psicopedagogia Clínica assume um papel relevante na mediação do processo de aprendizagem, por meio de avaliações criteriosas, intervenções individualizadas e uso intencional de recursos lúdicos e terapêuticos. Tais práticas contribuem para a ressignificação do vínculo do aprendiz com o conhecimento, promovendo autonomia, confiança e desenvolvimento integral.

Observou-se também que a atuação ética, o respeito aos limites profissionais e o trabalho interdisciplinar fortalecem a efetividade das intervenções clínicas, ampliando as possibilidades de compreensão das dificuldades apresentadas. A articulação entre psicopedagogo, família e escola mostrou-se essencial para a continuidade das ações interventivas e para a construção de trajetórias educacionais mais inclusivas e consistentes.

Como perspectivas futuras, destaca-se a necessidade de aprofundamento das pesquisas voltadas às práticas psicopedagógicas baseadas em evidências, bem como a ampliação do diálogo com as tecnologias digitais aplicadas ao contexto clínico.

REFERÊNCIAS

1. BOSSA, Nádia A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.
2. FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 2001.
3. FONSECA, Vitor da. Dificuldades de aprendizagem: na busca de alguns axiomas. São Paulo: Wak, 2014.
4. PIAGET, Jean. A equilibração das estruturas cognitivas. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
5. RUBINSTEIN, Edith. Psicopedagogia clínica: teoria e prática. São Paulo: Casa do Psicopedagogo, 2018.
6. WEISS, Maria Lúcia L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica. 14. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.